



Projeto Além do Algodão: compartilhamento de saberes e experiências entre Brasil e África

Beyond Cotton Project: sharing knowledge and experiences between Brazil and Africa

GUIMARÃES, Thaynara Thaissa Dias¹; RODRIGUES, Osiyallê Akanni Silva²;

³ERVILHA, Joécio Cosme Carvalho; ⁴PEIXINHO, Albaneide Maria Lima

¹ Centro de Excelência contra a Fome do Programa Mundial de Alimentação (CdE/WFP),
thaynara.dias@wfp.org; ² osiyalle.rodrigues@wfp.org; ³ joelcio.carvalho@wfp.org; ⁴
albaneide.peixinho@wfp.org

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Desde 2017, o Centro de Excelência Contra a Fome do Programa Mundial (CdE/WFP) de Alimentos no Brasil vem desenvolvendo no Benim, em Moçambique e na Tanzânia o projeto de cooperação trilateral Sul-Sul intitulado “Além do Algodão: alternativas de escoamento dos subprodutos do algodão e culturas acessórias em África”, em parceria com Instituto Brasileiro do Algodão (IBA) e Agência Brasileira de Cooperação Internacional do Ministério de Relações Exteriores (ABC/MRE), com apoio técnico das Instituições Brasileiras Cooperantes e Instituições Governamentais dos países. O objetivo deste relato é demonstrar como o CdE/WFP no Brasil tem fortalecido sistemas alimentares, gerando autonomia e renda a agricultores e agricultoras familiares do Benim, Tanzânia e Moçambique por meio do intercâmbio de conhecimentos agroecológicos e ações de segurança alimentar e nutricional em países africanos através da cooperação trilateral Sul-Sul.

Palavras-chave: agricultura familiar; segurança alimentar; cooperação sul-sul.

Contexto

O Centro de Excelência contra a Fome resulta de uma parceria entre o Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (WFP) e o Brasil para apoiar governos na África, Ásia e América Latina no desenvolvimento de soluções sustentáveis contra a fome. É um espaço global de intercâmbio de experiências, desenvolvimento de capacidades, promoção da cooperação sul-sul e de redes de proteção social. O trabalho do Centro de Excelência (CdE/WFP) no Brasil é apoiar países no combate à fome e à má-nutrição por meio de assistência técnica e compartilhamento de experiências, tecnologias sociais e políticas públicas brasileiras através de uma abordagem multidimensional que promove a cooperação intersetorial para fomentar a segurança alimentar e nutricional.

Neste contexto, o CdE/WFP vem desenvolvendo desde 2017 o projeto de cooperação trilateral Sul-Sul intitulado “Além do Algodão: alternativas de escoamento dos subprodutos do algodão e culturas acessórias em África”. O projeto tem o objetivo de contribuir na geração de renda de agricultores e agricultoras familiares, produtoras de algodão, do Benim, Moçambique e Tanzânia através da promoção de agregação de valor ao algodão e incentivo a comercialização de seus



subprodutos (como a fibra têxtil, linter, torta e óleo etc.), além do escoamento da produção de culturas alimentares excedentes para a alimentação escolar local. É desenvolvido por meio de parceria entre o Centro de Excelência Contra a Fome do WFP no Brasil, Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e o apoio técnico das Instituições Brasileiras Cooperantes: Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal de Lavras (UFLA) e Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB).

O desenvolvimento do projeto nos países conta com apoio de escritórios locais do Programa Mundial de Alimentos (WFP) e instituições governamentais, acolhendo as demandas dos agricultores no que tange os seus sistemas de plantio do algodão e culturas alimentares consorciadas. A atuação do projeto é voltada para o incremento da produção por meio do uso de técnicas agroecológicas, aumento da diversidade alimentar e, conseqüente, melhoria da segurança alimentar e nutricional (SAN) de agricultores e agriculturas familiares.

O objetivo deste relato é demonstrar como o Centro de Excelência contra a Fome no Brasil tem fortalecido sistemas alimentares, gerando autonomia e renda a agricultores e agricultoras familiares do Benim, Moçambique e Tanzânia por meio do intercâmbio de conhecimentos agroecológicos em países africanos através da cooperação Sul-Sul trilateral.

Descrição da Experiência

A Cooperação Sul-Sul Trilateral, forma de execução do projeto Além do Algodão, consiste em uma complementação a Cooperação Sul-Sul Bilateral, isto é, conta com as mesmas perspectivas de apoio ao desenvolvimento, de criação ou fortalecimento de laços políticos, econômicos ou culturais, somado a governança compartilhada, que pode assumir diferentes arranjos de implementação envolvendo países em desenvolvimento, países desenvolvidos e/ou organismos internacionais (ABC, 2023).

O projeto é, portanto, desenhado a partir da governança composta por um Comitê de Acompanhamento de Projeto (CAP) integrado pelo CdE/WFP e o Escritório do WFP do local, representando o organismo internacional, pela ABC e Instituições de Ensino Superior (IFES), representando o governo brasileiro e representantes das instituições contrapartes dos governos dos países parceiros.

Neste contexto, os países africanos não são aqui tratados como receptores passivos da cooperação e, sim, como parceiros cuja capacidade de agência é tida em conta quando se analisam os efeitos dos projetos apresentados (MUÑOZ, 2016). Apesar de contar com um objetivo em comum aos três países, a saber o fortalecimento dos sistemas produtivos agrícolas, geração de renda e promoção da segurança alimentar e nutricional, o projeto é apropriado e ajustado de acordo com cada realidade, cultura e condições socioeconômicas, adaptando a execução do projeto às demandas do parceiro, com práticas reais de reciprocidade e troca de experiências.



Para tanto, durante os primeiros anos de execução do projeto, que se iniciou em 2017, as ações se voltaram a missões de diagnóstico, prospecções e muitas reuniões e encontros com os países, a fim de, juntos, estabelecerem grupos locais envolvidos, região de atuação, metodologias de campo, componentes e resultados a serem alcançados. Finalizada esta etapa e, superado os desafios gerados pela pandemia do Covid-19 entre 2020 e 2021, em 2022 o projeto pôde enfim iniciar as ações de campo.

Na Tanzânia, com apoio de docentes de agronomia, química e nutrição da Universidade Federal de Campina Grande, juntamente com a equipe técnica local da Tanzania Agricultural Research Institute (TARI), Tanzania Cotton Board (TCB) e do WFP do país, as atividades de campo se voltaram, até o presente momento, para intercâmbio de conhecimento e construção de tecnologias sociais brasileiras de convivência com a seca como as cisternas de captação de água da chuva, utilizadas pelo Programa 1 Milhão de Cisternas (P1MC) e criação de canteiros econômicos para produção de hortaliças durante o período da seca, como traz as ações de gestão da água para produção do Programa Uma Terra e Duas águas (P1+2). Ocorreram ainda, instalação de hortas escolares, produção agroecológica de fertilizantes e inseticidas naturais, seleção de sementes crioulas em campo para reprodução, armazenamento e posterior atividade de construção de casa de sementes comunitárias, elaboração de teares artesanais por meio de intercâmbio com artesão colombiano, construção de fogões ecológicos e atividade de produção e reprodução de mudas frutíferas para quintais produtivos. No componente de nutrição, foram também realizadas atividades de mapeamento das principais comidas, tradições e culturas alimentares por meio de técnicas do Diagnóstico Participativo Rural (DRP) (LOPES, 2016).

Em Moçambique, o projeto tem sido desenvolvido com o apoio técnico de docentes das áreas de agronomia e nutrição da Universidade Federal de Lavras, equipe técnica do WFP em Moçambique, Instituto do Algodão e Oleaginosas de Moçambique (IAOM) e o Instituto Superior Politécnico de Manica (ISPM) e, até o presente momento, realizou atividades com foco na implementação Campos de Demonstração de Resultados (CDR), que consistem em áreas para replicação das experiências agroecológicas exitosas desenvolvidas por agricultoras e agricultores em suas propriedades, nomeadas em Moçambique como *machambas*.

Nos CDRs, são realizados os plantios de algodão com culturas consorciadas (feijão *nhemba*, milho branco, feijão boer, sorgo, gergelim, dentre outras) e manejo agroecológico de pragas. Foi desenvolvido, ainda, dias de campo acerca da gestão de perdas pós-colheita, seleção de sementes, armazenamento adequado para as próximas lavouras – tanto do algodão quanto para produtos alimentícios. No que tange à nutrição, as atividades estão inseridas na identificação e valorização cultural de hábitos alimentares das comunidades em detrimento ao consumo de produtos industrializados, diversificação de receitas com alimentos consorciados para reduzir a monotonia alimentar e valorização da cultura alimentar. Assim, foram realizadas



oficinas culinárias e trocas de receitas com alimentos colhidos das *machambas* (áreas de produção agrícola) dos agricultores e agricultoras.

No Benim, contou-se com o apoio de docentes da geografia e nutrição da Universidade Federal do Oeste da Bahia, equipe técnica do WFP local, Ministério da Agricultura, Pecuária e Pesca e Agência Territorial de Desenvolvimento Agrícola do país. As atividades focaram no intercâmbio de conhecimento acerca dos princípios da agricultura sintrópica e produção alimentar por meio da implementação de sistemas agroflorestais (SAFs) agroecológicos, valorização da biodiversidade, práticas de manejo, dinâmica e funcionamento do SAF. No Benim se destacaram, ainda, atividades de planejamento e comercialização do excedente da produção de agricultoras e agricultores locais para a alimentação escolar a exemplo do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Nos componentes de nutrição e segurança alimentar as atividades ficaram a cargo de trocas atreladas à alimentação escolar, controle de qualidade dos alimentos do campo à mesa, melhoria da qualidade das refeições servidas na escola, programa de formação às merendeiras sobre o valor nutricional das refeições nas escolas e grupos alimentares.

Transversal a todos os países, o projeto apoiou a compra de ferramentas fundamentais ao uso cotidiano, como enxadas, facões etc., e, também, máquinas agrícolas de baixo custo e fácil acesso, destinadas a associações e cooperativas de agricultores familiares, como motocultivadores e sementadeiras manuais, a fim de reduzir o desgaste físico do trabalho manual, aumentar a produtividade das culturas alimentares e promover melhor aproveitamento do período das chuvas (Figura 1).



Figura SEQ Figure * ARABIC 1. Atividades de campo realizadas na Tanzânia, Moçambique e Benim, respectivamente.



Resultados

As atividades executadas em campo contaram com a participação de 648 agricultores e agricultoras e beneficiará, diretamente e indiretamente, cerca de 7.250 agricultores e agricultoras nos países. Dentre os resultados parciais alcançados, podemos destacar, na Tanzânia, o mapeamento e identificação dos principais alimentos tradicionais e, com isso, foi possível estabelecer as principais fontes nutricionais disponíveis e consumidas pela comunidade local. Esse levantamento será formatado em um caderno de receitas produzido pelos agricultores e agricultoras envolvidos. Ressalta-se, ainda, o envolvimento comunitário e a construção coletiva de 12 cisternas de 16 mil litros de captação de água da chuva para consumo humano e irrigação de hortas escolares agroecológicas, reduzindo, inclusive, 4 horas de caminhada de crianças e adolescentes, durante horário escolar, para se hidratar. A construção de hortas escolares agroecológicas, com uso de biofertilizantes para adubação proporcionou uma excelente produtividade dos alimentos plantados e a colheita foi destinada para elaboração da alimentação escolar. O impacto da produção e posterior consumo na alimentação escolar gerou importante debate com as entidades governamentais locais, envolvidas no projeto, acerca da importância e viabilidade da implementação da alimentação escolar.

Ainda no âmbito da alimentação escolar, por intermédio do projeto Além do Algodão, agricultores e agricultoras familiares do Benim realizaram a venda direta de milho no ano de 2022 para alimentação escolar. Esse resultado, demonstra que o manejo sustentável da produção dos agricultores tem possibilitado a geração de excedentes para a comercialização e conseqüente geração de renda. Essa ação gerou importante discussão para melhoria da alimentação nas escolas. As atividades de oficinas culinárias e ações de Educação Alimentar e Nutricional viabilizarão a aquisição de alimentos frescos e frutas produzidas pelos agricultores e agricultoras locais para que possam ser servidos nas escolas e com isso incrementar a alimentação escolar.

Em Moçambique, após a instalação dos CDRs observou-se que as atividades de manejo agroecológico das produções possibilitaram uma farta colheita do algodão e de grãos variados (feijão *nhemba*, milho branco, feijão boer, sorgo, gergelim, dentre outras) para o consumo familiar. No que tange a continuidade das atividades dos CDRs, serão adquiridas, também, pequenas máquinas descaroçadoras para permitir que os agricultores se beneficiem da venda da semente do algodão e da fibra separadamente. A colheita da produção possibilitou o consumo familiar, venda e, também, a seleção de sementes para armazenamento adequado por meio de sacos herméticos, garrafas pet e vasilhames. As sementes armazenadas serão utilizadas no plantio da próxima *campanha* (nome que se dá ao período de plantio em Moçambique) bem como na alimentação das famílias durante o período de estiagem e darão subsídio para discussões e posterior formação de uma casa de sementes comunitária. Ressalta-se, ainda, que as atividades de nutrição resultaram no intercâmbio alimentar de comidas típicas de ambos os países, como por exemplo a produção de canjicas feitas com milho branco, o que incentiva a redução da



monotonia alimentar e diversificação de refeições nas comunidades. O grão também é utilizado na preparação da *xima*, prato local servido em diversas refeições. Pretende-se, ainda, promover a comercialização de alimentos para a alimentação escolar.

As atividades desenvolvidas nos três países contaram com a forte presença de mulheres e jovens das comunidades, o que se deve a um importante trabalho desenvolvido pelos parceiros locais na mobilização e garantia de espaço, participação ativa e envolvimento no projeto destes dois grupos.

A execução do projeto até aqui ressaltou as potencialidades dos sistemas alimentares na vida de diferentes populações, culturas e condições socioeconômicas. Além disso, elucidou a visão de uma África contemporânea, com incrível capacidade de adaptação e resiliência. É com base nessa perspectiva que o projeto Além do Algodão se desenvolve, promovendo uma cooperação que busca evidenciar o que significa realmente ter experiências comuns, a partir de uma identidade compartilhada e ensina a decifrar discursos excludentes em relação ao outro, inclusive quando esse outro faz parte de nós (MUNÓZ, 2016). Tudo isso sem perder de vista os desafios e perigos a superar que possam surgir dentro de um contexto cujas representações sociais são livres para emergir.

Agradecimentos

Agência Brasileira de Cooperação (ABC); Instituto Brasileiro do Algodão (IBA); Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB); Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Referências bibliográficas

AGÊNCIA BRASILEIRA DE COOPERAÇÃO (ABC). **Área sobre Cooperação Sul-Sul e Trilateral**. Disponível em: <www.abc.gov.br>. Acesso em 15 de junho de 2023.

LOPES, Edna Batistella. Manual de metodologia. 1ª ed. Paraná: Emater, 2016.

MUÑOZ, Enara Echart. E. A Cooperação Sul-Sul do Brasil com a África. **Revista Caderno CRH**, vol. 29, n.76, 2016.